

Logun-Edé

SANTO MENINO QUE VELHO RESPEITA

Estou aqui para contar a minha história...

1. Nascente. Olho d'água... Útero do mundo. Numa cabaça mergulhada no fundo do rio turvo, um espelho reflete as múltiplas formas da vida. As águas do rio Oxum fazem nascer, germinar a semente. Grande fertilidade banha as terras negras de Ilexá... Essas águas fluem como itans que se revelam e que se entrelaçam como correnteza que me leva ao meu destino.

2. Um dia, Oxum emergiu do fundo dessas águas, nadou até a margem, onde desejou ardentemente um belo caçador chamado Erinlé. Famoso por sua beleza bruta, Odé só se interessava pelas mulheres das matas, rejeitava as das águas. Mas ela o amou tanto que quis ter um filho com ele. Consultou Ifá para saber como conquistá-lo. Os búzios revelaram que, para alcançá-lo, Oxum deveria ser selvagem como as folhas e exalar o aroma das fêmeas dos bichos da floresta. Sob uma camada de lama, mel e ervas aromáticas, a rainha se tornou a caça perfeita para o abate. A magia assim se deu: o rio desaguou de tanto desejo, que eu, peixinho, mergulhei no ventre de minha mãe. E, celebrado pelos espíritos superiores do Orun, nasci no Aiyê para cumprir o que, em suas mandalas, determinou o oráculo sagrado.

3. Pelos veios da savana, ancestrais se levantaram como grandiosos elefantes e me trouxeram marfins como presente. As mais poderosas sacerdotisas da terra me ofertaram deliciosas comidas: axoxô de meu pai e omolokum de minha mãe, mas também muitos lelês adoçados com mel silvestre. E, ao som de ilús bem tocados no ritmo ijexá, toda a gente dançava, reconhecendo que sou de nobre linhagem.

4. Sim, o grande príncipe herdeiro da raça dos meus pais! Tenho a sensibilidade e a inteligência de minha mãe e a bravura e a esperteza de meu pai. Caçador e pescador, sou minha própria natureza. Eu sou o úmido e o seco, o líquido e o sólido. Represento a neblina que esconde os limites entre os reinos, a areia molhada, o cílio das matas, a floresta, a margem e o fundo dos rios. Sou o único capaz de reunir todos os mundos. Sou o equilíbrio entre os homens e as mulheres. Assim tenho tudo, pois príncipe sou!

5. E, como recomendam os velhos sábios africanos, foi preciso toda uma aldeia para me educar. Havia um grande mundo a ser desbravado para além dos limites de Ilexá. Recebi de Exu o poder da transformação. Com Ogum, aprendi a forjar minhas armas e armaduras. Com Oyá, entendi como manejar a espada afiada. Obaluayê me orientou como curar as feridas. Ossaiyn me ensinou que, sem as folhas, é impossível seguir. Ewá me deu o poder da camuflagem. Tudo isso me fez merecer o meu nome: Ologun-Edé, O Senhor das Guerras de Edé!

6. Quando houve a guerra entre o Império de Oyó e Daomé, Ilexá foi atingida e, por isso, ainda jovem, me encantei. Os inimigos queriam desafiar a riqueza e a prosperidade de nosso povo, humilhar nossa altivez e realeza, controlar as águas com as quais nos nutríamos, escravizar nossos corpos, vender nossa liberdade como objetos úteis.

7. Para superar isso tudo, nos refugiamos em Abeokutá, onde, sob a luz da Lua, Iemanjá, a senhora do rio que corre para o mar, nos deu na foz uma estratégia de sobrevivência: na presença dos demais peixes, uma tropa de cavalos-marinhos. Entre os jovens encantados, cavalgamos o enorme oceano em direção à outra margem do espanto atlântico. Adeus, Ilobu, das savanas e planícies férteis de meu pai Erinlé! Adeus, Oxogbô, do rio caudaloso de minha mãe Oxum!

8. Aportamos nas praias brasileiras. Novo Mundo, povo estranho conhecemos. Mas quem pode partir as águas e contar as folhas? Não seremos repartidos pela escravidão! E, quando rufaram os ilús dos primeiros candomblés, renasci na cabeça dos Reis e Rainhas de um Príncipe Coroado. Pois eu sou o segredo, filho do Rei da Nação Ketu e da Rainha da Nação Ijexá. Quando as mulheres clamavam a minha mãe pela esperança de ter filhos, riquezas e sucesso nos negócios, eu estava. Quando os homens clamavam ao meu pai por liberdade, prosperidade e fartura, eu também estava.

9. E assim sou cultuado nos axés do Brasil, terra e água que deram lugar ao meu reino. Com Severiano, ergui, na Bahia, a casa do Kalé Bokum. Com Zezito, minha força chegou ao Rio de Janeiro, onde desembarquei com a Corte Real Ijexá. Estou presente em todos aqueles que reconhecem que sou “santo menino que velho respeita”, como falou Mãe Menininha do Gantois. Zelo pela minha nobreza e pela do meu povo, através dos ensinamentos que levam meus filhos e filhas ao melhor destino.

10. Estou nos assentamentos, idés, otás e ibás que sustentam a vida dos que me seguem. Ergam seus ofás, abebés e balanças! Busquem comigo a solução das causas impossíveis! Depois, façam festa! Saiam em cortejo ao toque de afoxés! Celebrem estar vivos! Curtam, dos velhos às crianças, a jovialidade que emana do meu mistério. Exibam seus axés em praça pública! Contem minha história! E reconheçam o destino que o velho Orunmilá me determinou.

11. Eu sou a força da juventude no tempo. Estou no presente e daqui olho para o futuro. Estou no passado e de lá resgato as tradições. Estou no futuro em que meu legado é imortal! Eu nunca morro. Eu sou o horizonte para as novas gerações, a continuidade da vida. Eu sou o sopro que toca os ouvidos de cada um, quando inspiro seus desejos.

12. Também estou no desafio aos limites. Neste mundo de afrontas, sou o combate à humilhação das pessoas subalternizadas, empobrecidas e constrangidas simplesmente por existirem. Ousadia é meu nome contra os que negam uma vida plena e digna aos jovens pretos.

13. Jovens, sejam altivos como o pavão, exibindo sua nobreza. Sejam versáteis como o camaleão, afrontando e, baphônicos, existindo. Sejam leves como os pequenos pássaros, cantando para serem ouvidos. Sejam espertos como a lebre, dançando, encantando e quebrando tudo. Sejam ferozes como o leopardo, lutando imponentes contra os que caçam suas vidas e as descartam.

14. Pois isso é ser cria: ser honrado pelos “meus consagrados” mais velhos por onde eu passo. Sou o orgulho dos que já nos deixaram e a esperança para o dia de quem ainda vai chegar.

15. Amarelo ouro, azul-pavão. Cumpro o meu destino pousado no alto de suas casas. Envolver o meu Morro do Borel no aconchego das minhas asas. Abro minha cauda em leque como um lindo milagre de Oxalá.

16. E assim me ordenou Orunmilá: “Enquanto cresceres, entre o céu e a terra, entre a mata e o rio, entre a África e o Brasil, entre a comunidade do Morro do Borel e a Marquês de Sapucaí, serás grande e imortal no pavilhão de uma escola de samba, que te mostra ao mundo inteiro, no giro da porta-bandeira e no bailar do mestre-sala, espalhando o teu axé”.



*Bradem comigo, confirmando em Benin:
Eu sou a Tijuca! Eu sou Logun-Edé!*

Ore Iye Iye Osun!

Ara unse! Ara unse kòke Odé Erinlé!

Loci, Loci Logun!

Carnavalesco: **Edson Pereira**

Enredistas: **Mateus Pranto e Rodrigo Hilário.**

Consultores: **Osmar Igbodê e Raphael Homem.**

Texto: **Edson Pereira, Mateus Pranto, Rodrigo Hilário,
Osmar Igbodê e Raphael Homem.**